

O Estudo da Variação Linguística em Sala de Aula sob o Viés do Conto Popular: atividades organizadas por meio de uma Sequência Didática

The Study of Classroom Linguistic Variation Under the Bias of the Popular Tale: activities organized through a Didactic Sequence

Saisonara Mazzochin Torres¹

<https://orcid.org/0000-0002-1402-5407>

Patrícia Vertuan²

<https://orcid.org/0000-0002-5764-8399>

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir possibilidades de abordagem da variação linguística em sala de aula, considerando seu uso e valorização, bem como o preconceito linguístico. Pelo viés da metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), será apresentada uma pesquisa intervencional por meio de Sequência Didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) desenvolvida em uma turma de 7º ano do ensino fundamental em uma escola da rede estadual de educação em Marcelândia-MT, organizada a partir do gênero Conto Popular. Os estudos fundamentam-se nas perspectivas da sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2014), com um olhar mais apurado à variação linguística (BAGNO, 2007). Espera-se contribuir para a reflexão acerca da importância de respeitar e valorizar as variações da linguagem, de modo a enfrentar o preconceito.

Palavras-chave: Sequência Didática, Variação Linguística, Conto Popular, Preconceito Linguístico

Abstract

This article aims to discuss possibilities of approach to linguistic variation in the classroom, considering its use and appreciation, as well as linguistic prejudice. By the bias of the research-action methodology (THIOLLENT, 2011), an interventional research will be presented by means of Didactic Sequence (DOLZ, NOVERRAZ and SCHNEUWLY, 2004) developed in a 7th grade elementary school class in a state school education in Marcelândia-MT, organized from the genre Popular Tale. The studies are based on the perspectives of sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2014), linguistic variation (BAGNO, 2007). It is hoped to contribute to the reflection about the importance of respecting and valuing the variations of the language, in order to face the prejudice.

Keywords: Didactic sequence, Linguistic variation, Popular Tale, Linguistic prejudice.

Introdução

O ensino da Língua Portuguesa, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), acontece pelo contato e por estudos de diferentes gêneros textuais, que circulam

¹ Mestranda do Profletras da UNEMAT/Sinop e Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNINOVA – Nova Mutum – MT. E-mail: saisonaratnn@hotmail.com.

² Mestranda do Profletras da UNEMAT/Sinop e Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – Paraná (UEL). E-mail: pavertuan@yahoo.com.br.

no meio social, sejam eles, orais ou escritos, pois apresentam heterogeneidade, o que possibilita diversas construções de produções. Por essa perspectiva, propõe a metodologia de ensino por meio de Sequências Didáticas (SD), que se efetiva por meio de atividades encadeadas e organizadas de modo a permitir uma sequência lógica, que se atribua sentido aos assuntos e conteúdos abordados, facilitando o entendimento e potencializando o processo ensino/aprendizagem.

Utilizando objetivos claros e materiais de diversas fontes, no intuito de fortalecer as capacidades e habilidades dos educandos, a SD permite integrar os trabalhos desenvolvidos com orientações oficiais (Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular da Rede de Ensino e Projeto Político Pedagógico), fortalecendo o trabalho coletivo e/ou individual através de uma proposta planejada e composta por diversos materiais de apoio.

Com base nas concepções de Dolz e Schneuwly (2004), é imprescindível desenvolver em sala de aula competências comunicativas e escritas, prepará-los para dominar sua língua em diversas situações de maneira adequada, incluindo situações complexas, através de um trabalho lento, analisado e readequado de acordo com os resultados parciais. Tem sua fundamentação em torno de um gênero, para que os alunos o dominem melhor, e também para que participem ativamente das aulas, e assim ampliem sua capacidade de argumentar, analisar, compreender e produzir.

A partir dessas novas concepções que permeiam os conceitos de ensino/aprendizagem, em especial ao que concerne o ensino de Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) também orientam a se trabalhar com gêneros textuais diversos em sala de aula, na intenção de redimensionar as habilidades linguísticas. Para Geraldi (1997), os textos propostos devem ser textos que circulem no contexto social, habilitando o aluno a produzir dentro e fora da escola. É importante saber o que se escreve e quem serão os interlocutores.

O trabalho com gênero textual, de acordo com Magda Soares (1998), é uma forma de promover a alfabetização e o letramento concomitantemente, pois não se pode dissociar um do outro para que o trabalho seja pleno, e, também, orienta o ensino da Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais, por uma perspectiva de comunicação, aproximando assim a realidade da sala de aula.

Neste processo, a avaliação como um processo contínuo, é primordial que se perceba algum progresso do aluno, do momento em que se iniciou o trabalho, progresso esse, que varia de um aluno para outro, mas que não pode passar despercebido, é preciso sistematizar a avaliação por meio de anotações das habilidades desenvolvidas, respeitando as dificuldades e as potencialidades de cada um, e fazendo as intervenções quando necessárias.

A escolha do Conto Popular para a SD

A SD estrutura a intervenção elaborada como critério parcial de avaliação na disciplina de Gramática, Variação e Ensino³, desenvolvida no segundo semestre de 2018, no Mestrado Profissional em Letras – Profletras, no *campus* da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – em Sinop, MT. Foi solicitada uma proposta de atividade para ser desenvolvida em uma turma do ensino fundamental – séries finais, que envolvesse variação linguística. A partir dessas considerações, decidimos pela escolha do gênero Conto Popular, para darmos direcionamento à SD.

Para o desenvolvimento da pesquisa, tomamos como base o método da pesquisa-ação, proposto por Thiolent (2011),

[...] consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e /ou políticas. (THIOLLENT, 2011. p. 7).

As Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso – OC - Área de Linguagens (2012), em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), apresentam uma concepção de linguagem como prática sociointeracional, constituída nas relações sociais e delas resultante. Também enfatizam o trabalho com o texto, promovendo atividades com e sobre a língua, de modo a “tornar o aluno proficiente em sua língua materna, oral e escrita, a fim de lhe garantir o pleno exercício da cidadania.” (OC, 2012, p. 100). Ainda na perspectiva das OC é importante citar:

³ Ementa: Avaliação de gramáticas pedagógicas. Análise epilingüística e metalingüística considerando os fenômenos gramaticais mais produtivos e mais complexos na ampliação da competência comunicativa dos alunos na escuta, na leitura e na produção de textos orais e escritos. Proposições metodológicas para elaboração de material didático. Disponível em: <<http://www.profletras.ufrn.br/funcionamento/109091052#.W92XZJNKjU>>. Acesso em 02 nov. 2018.

A língua pode ser um instrumento de poder, um meio pelo qual indivíduos controlam outros ou resistem a esse controle; um meio a ser utilizado para promover mudanças na sociedade ou para impedi-las; para afirmar ou extinguir identidades culturais; enfim, dominar a linguagem, em seus aspectos linguísticos, textuais e discursivos, dá condição de os alunos participarem ativamente da sociedade. (2012, p. 101).

Dessa forma, a escola enquanto principal agente de letramento é responsável por criar condições para que o aluno desenvolva essa capacidade linguística, a fim de que tornem-se aptos a lidar com situações cotidianas, e também, com o progresso científico e cultural.

No que se refere à escolha do Conto Popular, por ser um gênero narrativo de tradição oral, contribui para o trabalho com as variações linguísticas, pois “são recolhidos da oralidade, registrados por escrito e, quase sempre, publicados em coletâneas” (KÖCHE e MARINELLO, 2015, p. 49).

Os contos populares são transmitidos de uma geração para outra e, contribuem para que as pessoas aproximem-se umas das outras, “A situação de produção e recepção desse gênero é informal quando é transmitido pelos contadores, os quais geralmente mantêm com os ouvintes um vínculo de amizade e parentesco.” (IDEM)

Os contos populares, quando trabalhados em sala de aula, incentivam a curiosidade acerca dos assuntos, além de despertar o interesse por produções textuais, visto que, os alunos sentem-se à vontade para escrever histórias imaginadas ou vividas.

A sociolinguística e o preconceito linguístico

A relação entre língua e sociedade chamada assim de sociolinguística é um ramo da ciência o qual afirma que não há sociedade sem linguagem, visto que os indivíduos se constroem por meio da comunicação. Por ser um instrumento que está sempre em movimento, é pertinente lembrar que a língua não é estática, ela muda de acordo com o tempo, a situação, e relações socioculturais e isso é facilmente detectado se compararmos algumas obras escritas no decorrer do tempo.

O que se observa diariamente nas escolas é a diversidade cultural acompanhada da diversidade linguística, pois é comum haver pessoas advindas de diversas regiões do Brasil, e/ou pertencentes a diferentes grupos sociais. Sendo assim, é necessário ampliar as teorias de reflexão acerca do combate ao preconceito linguístico que, infelizmente,

ainda é possível perceber nos ambientes escolares e sociais. Para Bortoni-Ricardo (2014), a língua é heterogênea e está em constante mudança.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), pontuam o quanto é essencial saber utilizar a linguagem de maneira adequada, de acordo com a situação de comunicação. A escola, por sua vez, é a principal responsável por desenvolver esta consciência nos alunos para que eles entendam essa questão, não contrapondo como certo e errado, mas sim, adequado e inadequado, por meio de estudos teóricos e práticos, que ofereçam objetivos claros e relevantes na efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Para isso, necessita propor situações didáticas, nas quais o aluno possa praticar essas atividades de maneira significativa, e não apenas corrigi-las.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p. 26).

Assim, é possível esclarecer e amenizar essa problemática travada a tanto tempo por estudiosos e por pessoas comuns, que relutam em aceitar a variação linguística ao defender o uso da norma culta como única fonte comunicativa tida como correta.

Embora o preconceito linguístico tenha sido combatido nas últimas décadas, visto que a escola tem tornado o assunto mais abrangente, inclusive é possível perceber a abordagem da questão nos livros didáticos, ainda é comum situações em que o preconceito acontece de forma velada, ou como algo que para quem pratica seria uma simples brincadeira, mas quem sofre o preconceito sente os prejuízos causados por ele.

Fatores externos tais como: idade, sexo, classe social, escolaridade, entre outros, são de extrema importância para que se conclua estudos acerca do assunto. É possível minimizar o preconceito por meio de conscientização feita através da teoria e prática, no desenvolvimento de habilidades docentes de como e porquê realizar o trabalho, visto que, a escola sofreu fortes mudanças nas últimas décadas, sobretudo no

que concerne ao público por que passou a ter acesso à escolaridade, de acordo com Bagno:

Uma segunda razão muito importante para que a variação linguística se torne objeto e objetivo do ensino de língua é a profunda transformação do perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar, seja para aprender. (BAGNO, 2007, p. 30).

O autor ainda ressalta a questão de que língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, o que pressupõe ser impossível estudar a língua sem estudar a sociedade em que essa língua é falada. E chama a atenção para a variação que um mesmo falante exerce ao se adequar às diferentes situações de acordo com a exigência de formalidade, o que indica o uso de uma linguagem mais monitorada do que as praticadas em ambientes menos formais.

Os contos populares em sala de aula

Trabalhar com contos populares em sala de aula, além de todo o processo sistemático, envolve criatividade, visto que é inerente ao gênero. Os contos permitem, sobretudo, ampliar e fantasiar “histórias” imaginadas e ou vividas de maneira singular, além de promoverem a oralidade, trabalham muito os aspectos de leitura e escrita por meio de uma prática significativa. Como esclarece Bakhtin,

Quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a sua individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2016, p. 41).

Apresenta-se de maneira não muito extensa e sua estrutura é marcada por um conflito, seguido do clímax, que é o ponto que destaca como ocorrem os principais acontecimentos, até o desenrolar por meio da resolução desse conflito. Nos contos encontram-se marcas profundas de oralidade, que passam de geração para geração, e podem ser mudadas no decorrer do percurso, também podendo serem recontados com diferentes palavras, de acordo com o falante, mas não perdem o sentido e a ideia principal, além de colocarem em questão assuntos e ideias relevantes.

Mesmo nas versões contemporâneas, apresentadas de modo escrito, caracterizados pelas marcas da oralidade, o que reforça o seu caráter narrativo, sobrepondo à regra do contador/escritor e do interlocutor.

Portanto, entende-se a importância de se incluírem os contos no processo metodológico, pois apresentam-se com uma linguagem simples e concisa, e abrem opções para inovações e sobretudo criatividade inerentes ao ato do discurso e na elaboração do texto escrito. Permitem também abordar questões ligadas a valores, crenças e ao ato de humanização, pois destacam, geralmente, temas interessantes.

Desenvolvimento da Sequência Didática (SD)

As atividades referentes à SD foram desenvolvidas nos dias 25 e 26 de setembro de 2018, em um 7º ano do período matutino, na Escola Estadual Paulo Freire, em Marcelândia-MT, pelas professoras Patrícia Vertuan e Saionara Mazzochin Torres, discentes do Profletras de Sinop –MT, como critério parcial de avaliação na disciplina de Gramática, Variação e Ensino, sob orientação da professora Dra. Neusa Inês Philippsen.

A demanda atual da escola é de aproximadamente 700 alunos, provenientes da zona urbana e, no período vespertino, do setor rural, para os quais é fornecido o transporte escolar. No período noturno, são trabalhadores, em sua maioria residentes no setor industrial. O perfil deles oscila entre aqueles de poder aquisitivo elevado àqueles que dispõem de poucos recursos: filhos de empresários, profissionais liberais, agricultores, fazendeiros, madeireiros e funcionários de serrarias. A faixa etária varia de 6 aos 14 anos de idade no ensino fundamental e no ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos EJA a partir dos 15 anos.

O espaço físico conta com salas de aula climatizadas, biblioteca com acervo adequado somente para o ensino fundamental, apesar de atender, também, ao ensino médio. Como ferramentas digitais, a escola disponibiliza 1 (um) projetor multimídia para uso pelos 37 professores, nos três turnos de funcionamento, e conexão com internet sem fio para profissionais da educação e também disponível aos alunos. O laboratório de informática possui apenas 12 computadores em condições de funcionamento.

O primeiro passo, como orientam os autores da SD, após a apresentação da proposta, foi pedir aos alunos que produzissem um texto do gênero conto, conforme

estipulado pelo planejamento das professoras, o que configura como sendo a produção inicial, sem que haja um trabalho prévio a respeito do assunto. Em seguida, os textos foram recolhidos, para, então, continuar o passo-a-passo do trabalho com o gênero em questão. Os alunos receberam muito bem o assunto e desenvolveram com satisfação as atividades propostas.

O processo contou com etapas que consistiram, principalmente, na produção inicial, no desenvolvimento e na produção final. Para isto, utilizaram-se recursos verbais para a explanação e espaço para compartilhamento de ideias, e também recursos digitais, como, por exemplo, projetor multimídia e caixas de som, o que ajudou a estabelecer diálogos entre as diversas situações.

O conto *Trezentas Onças*, do autor João Simões Lopes Neto, serviu como referência para que os alunos conhecessem um texto do gênero conto popular. Para isso, aconteceu a leitura individual em voz baixa, e a leitura coletiva, lida pela professora Saionara, que usou da entonação para dar ênfase ao enredo.

No tocante às reflexões referentes ao texto, os alunos disseram que quando realizaram a leitura individual não conseguiram entender muito bem, mas que com a leitura da professora obtiveram mais entendimento, e, assim, cada etapa permitia que a interpretação fosse ficando cada vez mais clara, os alunos compreenderam inclusive a linguagem conotativa presente no texto, como a que aparece de imediato no título, à qual trezentas onças, no sentido figurado, refere-se a dinheiro. As atividades de interpretação e de estudo do vocabulário serviram para aprofundar ainda mais a compreensão, é o que pontua Solé, quando diz que:

Um fator que sem dúvida contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que este possa oferecer ao aluno certos desafios. Assim, parece mais adequado utilizar textos não-conhecidos, embora sua temática ou conteúdo deveriam ser mais ou menos familiares ao leitor; em uma palavra, trata-se de conhecer e levar em conta o conhecimento prévio das crianças em relação ao texto em questão e de oferecer a ajuda necessária para que possam construir um significado adequado sobre ele – o que não deveria ser interpretado, como explicar os textos, os seus termos mais complexos, de forma sistemática. (SOLÉ, 1998, p. 91).

No que compete à abordagem em relação as variações linguísticas, partiu-se das próprias palavras retiradas do texto que, claramente, apresentam regionalismo. Assim, foi possível entrelaçar assuntos referentes às variantes, às mudanças que se apresentam de acordo com a situação de circulação, seja na forma escrita ou na fala. O

uso das gírias e do papel da escola em proporcionar condições para que o aluno se aproprie da norma culta na perspectiva de crescimento pessoal e social. Para Bagno (2007, p. 47), “Uma variedade linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua”. Como já vimos, os diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais, como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc.

Ainda sobre o trabalho com a variação, foi estabelecido diálogo no sentido de conscientizar sobre a não discriminação de falantes que não utilizam a norma culta. Para Bagno,

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciem dessa língua são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (BAGNO, 2007, p. 37).

Alguns textos híbridos, serviram de suporte, bem como a música “Cuitelinho”, ajudaram a enriquecer as exemplificações das variedades linguísticas. Conceitos de como e quando surgiu o conto popular, também estiveram presentes, e estão descritos na sequência abaixo. O trabalho com slides foi um auxílio utilizado na explanação dessa abordagem.

Pesquisas na internet viabilizadas pelo aparelho celular também deram suporte à ampla exploração em torno dos gêneros, e, por fim, os alunos, organizados em duplas, orientadas pelas professoras Patrícia e Saionara, que durante todo o tempo circularam na sala prestando atendimento nas carteiras, elaboraram a produção final.

Diante do processo, pôde-se observar que a SD é uma metodologia que realmente apresenta resultados viáveis na realização de trabalhos com gêneros textuais, pois as produções iniciais e finais quando comparadas apresentaram bons resultados referentes ao ensino e aprendizagem.

A avaliação aconteceu de forma contínua, viabilizada pela oportunidade de participação, aprimoramento e refacção dos trabalhos executados, inseridos no processo de forma que promova o máximo possível a aprendizagem.

Os registros dos acontecimentos deram-se por meio de fotografias via celular, que também foi usado, tanto pelas professoras quanto pelos alunos, para pesquisas feitas durante as aulas.

Sequência didática: Gênero do discurso “conto popular” e variedades/variação linguísticas: seu uso e valorização

Turma/Etapa: 7º ano do Ensino Fundamental

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO E PRODUÇÃO INICIAL:

Socialização do Projeto e Levantamento Prévio

02 Aulas (50 Minutos cada aula)

Objetivos:

- Compartilhar com os alunos a proposta de trabalho em que estarão envolvidos;
- Informar sobre a sequência de atividades a serem desenvolvidas;
- Identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero conto popular e variedades linguísticas.

Procedimentos metodológicos:

- Estabelecer um diálogo com os alunos sobre os conteúdos: conto popular e variedade/variação linguística.
- Solicitar aos alunos para escreverem um conto popular da forma como eles sabem para que as professoras possam a partir desses conhecimentos, manter ou redirecionar a sequência didática elaborada.

MÓDULO 1

Contato com o Gênero Conto Popular e Variedade/Variação Linguística

02 Aulas (50 Minutos cada aula)

Objetivos:

- Debater sobre o gênero conto popular, e o uso da língua e suas variantes.
- Refletir sobre o título do texto, “Trezentas onças”, de João Simões Lopes Neto.
- Realizar a leitura silenciosa do conto popular “Trezentas onças”, de João Simões Lopes Neto.
- Ouvir a leitura em voz alta do conto popular, pela professora, a fim de despertar a atenção.
- Conhecer a biografia e bibliografia do autor.
- Identificar, através do texto, frases, palavras e expressões, e informar a que região

pertence contrastando com a realidade local.

- Confrontar a variedade popular com a língua culta, ambas utilizadas no texto.

Procedimentos Metodológicos:

- No início da aula, questionar os alunos sobre a forma de como eles se comunicam oralmente, quando estão com amigos, familiares, e, que quando estão com alguém que ocupa posições relevantes no contexto social, em situações que exigem rigorosidade, quando apresentam trabalhos em sala de aula. Se a forma como escrevem para se comunicarem via Internet é a mesma do que quando fazem uma produção textual, em que a professora os orienta a escreverem seguindo regras gramaticais e inferindo amplo sentido ao que será escrito. Usar como exemplo os meios de comunicação, principalmente a televisão, explorar a diferença da fala dos apresentadores em jornais em contraponto a programas de entretenimento, e também abordar a questão geográfica como fator essencial na compreensão das diversas variedades existentes, como palavras que são usadas apenas em determinadas regiões.
- Informar o título do texto e suscitar reflexões sobre o mesmo, “Trezentas onças”, de João Simões Lopes Neto.
- Em seguida, entregar o texto “Trezentas onças”, de João Simões Lopes Neto, para realizarem leitura silenciosa, e também a professora ler em voz alta, enfatizando o tom de voz de acordo com as características do mesmo, procurando assim despertar o interesse dos interlocutores para as construções frasais e palavras utilizadas pelo escritor.
- Apresentar a biografia e bibliografia do autor para que os alunos o conheçam e entendam a sua produção;
- Orientar os alunos para que fiquem atentos as palavras que não conhecem e que não fazem parte do seu vocabulário usual.
- Realizar perguntas fundamentais para o entendimento do conto popular e a variedade linguística utilizada no texto em contraponto com a do dia a dia dos alunos.

MÓDULO 2

Elementos Compositivos do Gênero Conto Popular 01 Aula de 50 Minutos

Objetivos:

- Refletir sobre a temática da narrativa do conto popular;
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais dos contos populares e suas especificidades;
- Conhecer a origem do conto popular da cultura brasileira;
- Compreender a estrutura da narrativa: a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho.

Procedimentos metodológicos:

- Realizar perguntas relacionadas ao texto “Trezentas onças”: Quem conta a história? Como o narrador inicia o conto? Onde se passa a história? Qual o conflito existente? Qual a temática do conto? Qual desfecho? Etc...
- Conversar com os alunos sobre como surgiram os contos populares.
- Elencar, junto com os alunos, os elementos organizacionais e estruturais do conto popular.

PRODUÇÃO FINAL

**Escrita e Refacção de um Conto Popular com Marcas de Variedades Linguísticas
3 Aulas (50 Minutos cada aula)**

Objetivos:

- Ler outros textos que apresentam marcas de variedades linguísticas regionais;
- Escolher variações/variantes linguísticas que poderão utilizar na escrita do conto popular;
- Escrever um conto popular;
- Reler os contos elaborados, em duplas, com as orientações da professora para a refacção dos textos;

Procedimentos Metodológicos:

- Os alunos irão ler textos trazidos pelas professoras e os que pesquisaram na internet;
- Depois em duplas irão discutir sobre as variedades regionais encontradas nos textos;

- As duplas escolhem a forma de escrita e escrevem um conto popular;
- As professoras ajudam as duplas com dificuldades e ficam à disposição de quem precisar.
- Para a refacção, as mesmas duplas recebem o conto elaborado e reescrevem de acordo com as orientações da professora;
- As professoras ficam à disposição dos alunos para auxiliá-los na refacção;

CIRCULAÇÃO DA PRODUÇÃO

Exposição dos Contos Produzidos

1 Aula de 50 Minutos

Objetivos:

- Socializar os contos populares no mural da escola.

Procedimentos metodológicos

- As professoras e os alunos organizam o mural da escola para a exposição dos Contos Populares elaborados pelos alunos.
- Os alunos convidam os colegas das outras turmas para lerem os contos que eles produziram.

Recursos utilizados durante a sequência didática:

- Folhas sulfites, papel com pauta, computador conectado à internet, projetor multimídia, quadro branco, papel pardo, lápis de cor, tesoura, cola, pincel atômico, fita adesiva, mural da escola e máquina fotográfica, entre outros.

Avaliação Processual

As professoras devem avaliar os alunos durante todo o processo de ensino e de aprendizagem e, caso percebam que eles não estão compreendendo as atividades, devem adaptá-las. Entretanto, para uma avaliação mais abrangente, elas podem formar uma roda com seus alunos e avaliarem coletivamente todo o processo por meio de perguntas como: Qual conto vocês já conheciam? Quais gostaram de conhecer? O que os contos populares nos ensinam? O que vocês conseguiram aprender com as atividades? E sobre as variedades linguísticas o que vocês

compreenderam?

As avaliações individual e coletiva permitem que o professor reflita sobre sua prática e que os alunos se autoavaliam, refletindo sobre o próprio desempenho e aprendam a identificar o que aprenderam e o que ainda precisam aprender. É importante que uma avaliação seja realizada após cada módulo.

Quadro 1: Sequência Didática

Fonte- Torres e Vertuan

Considerações finais

O trabalho em questão seguiu na perspectiva de ensino de gêneros textuais, por meio da Sequência Didática. A avaliação se deu de forma contínua, para que, assim, possibilitasse agregar no quesito ensino/aprendizagem.

As teorias de renomados autores, das OC e dos PCN, foram imprescindíveis para que a trajetória deste trabalho fosse cumprida de maneira sublime e desafiadora.

Em todos os momentos pôde-se perceber o engajamento dos alunos com a disciplina de Língua Portuguesa e com os conteúdos abordados. Alguns, naturalmente, apresentaram mais desenvoltura e habilidades do que outros, mas todos atingiram os requisitos mínimos solicitados.

Dessa forma, é válido acreditar que é possível desafiar as práticas pedagógicas para que sirvam de empoeiramento aos envolvidos no processo de maneira responsável, porém sem autoritarismos e divergências rígidas.

É importante levar em conta os preceitos de Freire (1991), quando pontua sobre a liberdade de dialogar e assim construir autocrítica, em detrimento ao autoritarismo, que muitas vezes segregava os alunos, privando-os da liberdade de pensamento.

A prática docente acompanhada de uma boa metodologia tem a significação imprescindível para as possibilidades de mudanças da atual realidade educacional, através da reflexão e reprogramação possíveis, cuja prioridade é sobretudo a formação humana e intelectual dos envolvidos.

Referências

- BAGNO, Marcos, 1961. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística/ Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 1997.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- _____. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. *Gêneros textuais: práticas de leitura, escrita e análise linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. *Orientações Curriculares: Área de Linguagens: Educação Básica*. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.
- SOARES, Magda. O que é letramento e alfabetização. In: _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*; trad. Claudia Schilling – 6.ed. – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Submetido em: 28 maio 2020.

Aprovado em: 20 jun. 2020.